

A GESTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: Leitura de um poema

Otaviano Pereira

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

(...)

Nos sonhos que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei.

(Geraldo Vandré)

Ofereço este ensaio ao companheiro Santo Dias da Silva, operário-metalúrgico de São Paulo, assassinado pela polícia, quando em piquete, a 30 de outubro de 1979.

INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO POEMA

Visando à melhor compreensão, o poema foi dividido em 6 partes, ou momentos, assim como a demarcação dos 201 versos, de 5 em 5. Evidentemente este critério não é rigoroso nem absoluto, podendo, cada leitor, marcar novas divisões a critério pessoal. Poesia e arte não são tábulas rasas.

Podemos, além do mais, utilizar os seguintes símbolos para convencionar um entendimento sob forma gráfica de cada uma das partes, nesses termos:



= HOMEM (como ser no/do mundo)



= OBJETOS (coisas reais no/do mundo).

Eis o poema:

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

(Vinícius de Moraes)

"E o diabo, levando-o a um alto monte,
mostrou-lhe num momento de tempo, todos
os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo:
'Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, por-

que a mim me foi entregue e dou-o a quem quiser; portanto, se me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: 'Vai-te, Satanás! porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás'.

(Lucas, cap. V, vers. 5—8.)

- | | | | |
|----|---|----|---|
| | Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas | | Prisão de que sofreria |
| 05 | Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo,
Que a casa de um homem
é um templo | 30 | Não fosse eventualmente
Um operário em construção.
Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa |
| 10 | Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão. | 35 | E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
à mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção |
| 15 | De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender porque um
tijolo
Valia mais que um pão ?
Tijolos ele empilhava | 40 | Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
Era ele quem os fazia,
Ele, um humilde operário, |
| 20 | Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o
comia...
Mas fosse comer tijolos !

E assim o operário ia
Com suor e com cimento | 45 | Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela,
Banco, enxerga, caldeirão,
Vidro, parede, janela,
Casa, cidade, nação ! |
| 25 | Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão: | 50 | Tudo, tudo o que existia
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão. |
| | | 55 | Ah! homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento !
Naquele casa vazia |

- 60 Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
- 65 Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
- 70 Coisa que fosse mais bela.
Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua compreensão
Cresceu também o operário
- 75 Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração.
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
- 80 – Exercer a profissão –
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia !

E um fato novo se viu
- 85 Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
- 90 Que sempre dizia SIM
Começou a dizer NÃO.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmitta
- 95 Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
- Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
- 100 Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza de seu dia
- 105 Era a noite do patrão
Que a sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.
E o operário disse: NÃO !
E o operário fez-se forte
- 110 Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
- 115 Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação.
– “Convençam-no” do
contrário –
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.
- 120 Dia seguinte o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado,
- 125 Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: NÃO !
- 130 Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão.

- Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
- 135 Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.
- 140 Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que foi levando
- 145 Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
- 150 – Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entre-
gue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
- 155 Dou-te tempo de mulher...
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares.
E, ainda mais, se abando-
nares
O que te faz dizer NÃO.
- 160 Disse e fitou o operário
Que olhava e que refletia.
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
- 165 E dentro das estruturas
Via casas, objetos,
Produtos, manufaturas.
- Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão.
- 170 E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca da sua mão.
E o operário disse: NÃO !
– Loucura ! – gritou o
patrão.
- 175 Não vês o que te dou eu ?
– Mentira – disse o operário.
Não podes dar-me o que é
meu !
- E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração.
- 180 Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
- 185 Com o medo em solidão
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
- 190 E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos.
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
- 195 Cresceu em seu coração.
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a Razão
De um homem pobre e es-
quecido.
Razão porém que fizera
- 200 Em operário construído
O operário em construção !

**1 – 1º MOMENTO: OLHAR DE FORA PARA FORA; MERA
DESCRIÇÃO DO MUNDO EXTERIOR. PRIMEIRAS
QUESTÕES DESINTERESSADAS. (Versos 01 a 35)**

Neste 1º momento podemos identificar, a partir deste envolvente texto poético, a “descrição” que faz o poeta da situação do operário olhando desinteressadamente seu mundo. É um primeiro contato com o mundo que é levado a construir. E ele mesmo é encarado, (sua pessoa) indistintamente, no marasmo dos objetos do mundo, como um objeto a mais, um simples fazedor de coisas, assim como as abelhas são fabricantes de favo e mel. O termo fazedor (ou fabricante) deve-se contrapor ao de CONSTRUTOR — de conotação mais profunda — propositadamente.

É óbvio que a situação do homem não é posta por Vinícius como absolutamente animalizado (como as abelhas que jamais deixarão de ser “irracionais” fabricantes de mel), mas já alcançando, desde o início, certa conotação de uma possibilidade de saída desta situação de mero fazer por fazer, daí para compreensão do quê, do porquê, do para quê e do para quem se faz, isto é, a passagem da dimensão do fabricar para o construir. Tanto é verdade que no início do poema, à diferença dos animais “irracionais” (como as abelhas, exemplo aqui evocado), o poeta nos coloca o trabalho do operário em construção como uma espécie de sementeira. Gesto profundo, cuja grandeza não raras vezes é dissimulada no escravismo da situação do fazer sem “contemplar”, tão em evidência no mundo contemporâneo. **“Ele subia com as casas/ Que lhe brotavam da mão”** (versos 4 e 5).

E mais: não é este um mero trabalho mecânico, apesar das amarras das estruturas, do desejo do patrão, apesar da forma como é descrito no início do poema. É que Vinícius utiliza o termo **“missão”** (v. 6), ao referir-se ao trabalho do operário. Do começo ao fim do poema, nesta GESTAÇÃO e ALIMENTAÇÃO da consciência do operário, o texto em si evolui para o rompimento de tal situação inicialmente descrita.

E não há dúvidas quanto aos indícios dessa tentativa de saída da situação de brutal animalidade. O mero fazedor de coisas está bem refletido nos versos de 07 a 14, em que se mostra um estado de “inconsciência” do fabricante de coisas, organizada e consentida pela “lógica” das coisas: **“Não sabia, por exemplo/ Que a casa de um homem é um tem-**

plo/Um templo sem religião” (vs. 07 a 10), isto é, um templo vazio — de vida, de consciência... O operário que levantava constantemente (como numa tarefa de Sísifo) diversas paredes, sem distinção profunda da função de cada compartimento, principalmente em se considerando a sua impossibilidade de habitar as paredes que construía, dado sua situação de pobre e explorado economicamente. É aí que se mistura LIBERDADE com ESCRAVIDÃO, (vs. 13 e 14), TIJOLO com PÃO, (vs. 17 e 18) num genial jogo de dialética dos contrários.

O autor João Batista Libânio nos chama a atenção para três momentos fundamentais na formação da consciência: (1) o momento do objeto, (2) o momento do sujeito e (3) o momento do social-dialético, numa descrição muito a propósito do processo de rompimento do estado de inconsciência (ou alienação) para o estado de consciência crítica, em que o momento do “reparo” (ou contemplação) dos objetos deve-se dar como ponto de partida para uma consciência real, situada no mundo¹. É o que observamos nos primeiros momentos do poema.

Esse “**pássaro sem asas**” (v. 3), utilizado a bel-prazer pela “racionalidade” e “lógica” da organização social do mundo dos homens — na divisão e exploração do trabalho — é tido apenas como mais um objeto ou peça da engrenagem social, indistintamente — “**com suor (= água) e cimento**” (v. 24). Esse fazedor de paredes trabalha indiscriminadamente, sem cessar, coisa com coisa, coisa após coisa, numa visão (a princípio) desinteressada em relação ao mundo circundante e diário. É a situação do operário levado a trabalhar tantas horas por dia (8, 10, 12... apesar da aplicação da tecnologia no mundo ocidental) e viver 24 horas do mesmo dia (inclusive os momentos de sono) mergulhado no esquema do trabalho que exerce sem as mínimas condições para projetar sua consciência ou respirar certo alívio de descanso em relação a este mundo que constrói, contemplá-lo ou gozá-lo ludicamente. As suas preocupações e/ou mutismo do silêncio a que é “condenado”, sua falta de tempo para o diálogo e/ou descanso não permitem nem o lazer, nem a contemplação, sequer a avaliação de seu trabalho. Tende a ser animalizado e coisificado brutalmente, nesta “reificação” (Marx) quase absoluta, escravizado, fadado a perder cada vez mais sua IDENTIDADE DE HOMEM (como sujeito do mundo). Vive apenas a circularidade do fazer, a dimensão da “palavra de ordem”, a palavra do patrão, a palavra que “faz fazer”, no dizer de Ricoeur². É situação mais cínica de alienação acobertada pelos números

do sucesso de um trabalho de que não desfruta os resultados: **Ergue uma casa aqui,/Adiante um apartamento/Além uma igreja/Adiante um quartel e uma prisão**” (vs. 25–28). É a continuidade da continuidade na continuidade. Rotina, reificação, condenação à “animalidade”.

E cada casa, apartamento, igreja, quartel, prisão, são formas indistintas de trabalho para este ser animalizado brutalmente. Uma tarefa dura, esta da continuidade. Um modo kafkiano de ser e estar no mundo. uma condenação à “escravidão legalizada” (pelas leis trabalhistas e outros adereços das estruturas sociais) sob duras penas. Se não fizer o que faz, se disser NÃO, as leis das organizações baixarão para punir seu crime: **“Prisão de que sofreria/Não fosse eventualmente/Um operário em construção”** (vs. 29–31). Vale dizer: não há saída, o jeito é o operário se contentar em ser escravizado. Ou: eu, operário em construção, ergo casas/apartamentos para os moradores, igrejas para os crentes, quartéis para os soldados e prisões para os bandidos e criminosos ! É a moral da ordem das organizações. É assim que quer o patrão. Patrão que se esquece que fulano não é só operário; é OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO !

Convém lembrar a novela de Kafka. Gregor Samsa, na obra **Metamorfose**, ao acordar se vê transformado num enorme, horripilante e asqueroso inseto. No dia seguinte aparece em sua porta um comissário da indústria de tecido em que trabalhava, avisando-o “amigavelmente” sobre o retorno à fábrica, como se lhe estivesse dando chance para remediar seu “crime” de injustificada ausência. Samsa, treinado para a função que exercia, era absolutamente necessário como engrenagem da indústria. Se não reaparecesse ao trabalho os patrões aplicar-lhe-iam, incontinenti, as penas de que fazia jus — já que a fábrica teve de permanecer parada até o treinamento de outro operário para a função. Mas Samsa não tinha saída. Não poderia nem voltar para a fábrica, nem ao menos sair do quarto, visto que já se transformara num monstro irreconhecível. Que viessem as penas !. O pior já havia acontecido: a metamorfose, consequência da reificação.

Para o operário da poesia de Vinícius, nesta relação coisificada, objetual com o mundo, uma situação idêntica: se não trabalha passa por uma fome mais penosa (prisão, julgamento, perda dos direitos, torturas, fome total...). É preciso contentar-se com a “lógica da organização da sociedade”: o trabalho penoso e árduo de muitos para o prazer de poucos. Pelo menos em tese. Em tese, repetimos. Porque entre a reificação absoluta

e a possibilidade de hominização (entendido este termo enquanto identificar-se como homem) é que se articula a consciência.

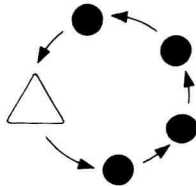
Acontece que Kafka expressa um supra-realismo muito cruel. Uma situação sem saída. Será que podemos absolutizar a alienação como uma condenação tão definitiva? Será possível esquecer que atrás do esquema montado pelo HOMEM (o patrão) se encontra OUTRO HOMEM (o operário)? É nessa impossibilidade antropológica de se absolutizar a "animalidade" pela alienação que se estabelece o furo do esquema, a possibilidade de ruptura dessa situação drástica, draconiana. "... ele desconhecia/ Esse fato extraordinário:/Que o operário faz a coisa/E a coisa faz o operário" (vs. 32–35). E é na ruptura da consciência que se encontra a possibilidade de se identificar esta hominização. E a saída da reificação (absoluta), a desalienação (etc.) está aí, nesta relação: coisa-operário, (operário que não pode continuar a ser tratado como coisa, indistintamente). Portanto, desconhecia até certo ponto. Como homem é que o operário poderia chegar ao conhecimento profundo (real) dessa relação.

1.1 — Representação Gráfica do 1º Momento

1º MOMENTO: Olhar desinteressado/alienado.

Uma circularidade de olhares, nesta mistura de homens (coisificados) com os objetos do/no mundo.

Mas já aparece a diferença (gráfica) entre homem e coisas.



**2 — 2º MOMENTO: OLHAR DE DENTRO PARA FORA:
INÍCIO DA RUPTURA DE ALIENAÇÃO. O TORNAR-SE
SUJEITO DO/NO MUNDO. (Versos 36 a 83.)**

Aí começa a acontecer a ruptura. O homem não pode continuar animalizado (para ser visto como HOMEM), como cão amestrado, na

sua relação com o mundo. Só o homem constrói. O animal (caso da abelha) faz³. O animal não pode criar esta ruptura e sair de sua animalidade absoluta, uma vez que não pode distanciar-se do dado imediato (mundo/coisas do mundo). Evidentemente o conceito de alienação não cabe ao animal, só ao homem. E à medida em que o homem se aliena, perde sua identidade antropológica e, conseqüentemente, se “animaliza”. O animal não pode subir até ao homem, mas o homem pode ser levado a descer até ao animal, o que é muito pior !

E tal ruptura, quando acontece, abala as estruturas de organização do mundo de trabalho feitas pelo próprio homem, pelo menos até o atual estágio da “Civilização”. Uma estúpida contradição ! Mas esse momento, de “**súbita emoção**”, não é tudo. Representa o início de um processo, a sacudidela de um sonho abominável, uma letargia física, mental e espiritual, algo vergonhoso ao próprio homem que se deveria manter vigilante sobre si mesmo e em relação ao outro neste mundo em permanente construção. Mas dizer que a organização do trabalho até o presente estágio de civilização, malgrado a introdução de todo arsenal tecnológico, é mentir.

Processo de consciência (ou conscientização) que está no início. Assim como o nascimento de uma criança não representa a etapa final de sua vida. Tal consciência, gerada e rompida, manifestada subitamente, tem de ser alimentada. Permitir uma “abortagem” de tal consciência é um grande crime. Talvez fosse melhor deixar o homem permanentemente em estado de sono, inconsciência, sonhando com cores azuladas...

E mais: a consciência, (como uma semente) tem de ser plantada sobre o mundo real. Não é apenas teórica (em sentido negativo), também e principalmente prática (em sentido positivo), muito embora a distinção clara desta dialética teoria e prática não seja de fácil delimitação. Mas queremos dizer, junto com o poeta que esta consciência aqui proclamada nasce a partir do olhar por sobre as coisas do mundo real: **“De forma que certo dia/À mesa ao cortar o pão/O operário foi tomado/De súbita emoção/Ao constatar assombrado/Que tudo naquela mesa/ — Garrafa, prato, facão/Era ele quem os fazia./Ele, um humilde operário./ Um operário em construção”** (vs. 35—44)⁴.

Convém notar a ampliação desse gesto.: Primeiro um olhar por sobre a mesa; depois, um olhar ao redor da cozinha, pelas paredes, pela casa toda; depois pela cidade, nação (vs. 46 — 49). É o agigantamento

dessa Razão rompida num instante silencioso. (voltaremos, mais adiante, a falar dessa Razão).

Convém notar, igualmente, — e agora é o momento — a necessidade de se compreender este termo: OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO. Primeiro cumpre saber que este operário não significa, necessariamente, apenas pedreiro ou servente de pedreiro (etc.), trabalhadores de construção de prédios. Devemos dar um salto além dessa primeira conotação (de compreensão temática) e buscar um conteúdo mais largo. Tanto é verdade que o operário de que trata Vinícius não fazia nem gamela, ou vidro, caldeirão, banco etc. Operário aqui deve ser entendido sobretudo como classe trabalhadora: pedreiro, metalúrgico, ferramenteiro, carpinteiro, ou quem quer que a esta classe social se identifique no seu labor diário, (professor, médico...). Vale dizer, TRABALHADOR, entendido genericamente.

A colocação da locução adjetiva EM CONSTRUÇÃO nos mostra um duplo sentido: (1) um sentido estritamente temático: do operário que erguia casas (pedreiro, servente...) e, (2) um sentido mais profundo, num alargamento semântico do termo. Vale dizer, “em construção” se entende também no sentido do operário que se constrói (ou se construiu) a si mesmo como ser humano, por dentro, à medida em que assimila o processo de conscientização do mundo e das coisas. Uma clara idéia de emancipação como sujeito. A passagem da alienação (a que é levado) para a Razão profunda desse ser sujeito, construtor dum mundo. Tanto dum mundo material, opressor, instalado e organizado à sua volta, como dum mundo de sentido dentro de si mesmo. Antropologicamente este segundo sentido refere-se à passagem da animalidade para a hominização (o identificar-se como homem/sujeito).

Voltemos ao poema. Notamos que nada fica de fora desse alargamento de visão. O poeta diz: **“Tudo, tudo o que existia/Era ele quem os fazia/Ele, um humilde operário”** (vs. 50 — 52). Esse saber-fazer (vs. 53 — 54), implica, necessariamente, sentir-se dono do mundo. E tal não acontece (a posse do que é construído) por força dos esquemas, pela “lógica” da distribuição do trabalho e da riqueza dele promanada, do lazer etc.

Para além da “palavra de ordem” de que fala Riccoeur em **Trabalho e Palavra**⁵, é proibido dizer outra espécie de palavra, montar o diálogo e tentar sair do esquema. O estreitamento da comunicação surge

como arma da reificação. É a função da censura. Por isso a consciência concreta, (e comunicada aos outros) da “Práxis” (prática vazada de sentido) é como perigosa e, portanto, mal encarada.

Aparece uma sutil referência ao pensamento, à filosofia.: **“Ah ! homens de pensamento/Não sabereis nunca o quanto/Aquele humilde operário/Naquela casa vazia/Que ele mesmo levantara/Um novo mundo nascia/De que sequer suspeitava”** (vs. 55 – 62).

O operário estava no mundo e o construía. Sentiu-se, repentinamente, dono dele. Ele, humilde operário, tanto quanto (ou mais) que os donos do poder constituído (patrão, homens letrados). Pode ter sentido também, num momento de tempo, que a organização da cultura — pois este operário nos dá o sentido, na poesia, de homem “inculto” enquanto iletrado, analfabeto — está ainda organizado em vista do poder econômico. Sentiu que talvez um engenheiro, um médico, um advogado (etc.), não poderiam, por direito, serem mais dignos donos do mundo do que ele, homem de mãos calejadas. Ou então, tudo está errado. Uns (incultos) trabalhando excessivamente para a manutenção da posição dos outros (cultos ou letrados)⁶.

Além do mais, esta nos parece representar uma alerta ao pensamento ou filosofia livresca, que não se instaura numa “práxis”. Uma filosofia “idealista” (não no sentido do idealismo alemão), “teórico” ou “utópica” em sentido negativo. E o operário faz esta passagem: do mundo ideal para o real. Cuidado, homens de pensamento ! É necessário que todos alcancem a condição de possibilidade dessa passagem — em sentido amplo —, dessa emoção que não é só intelectual. E a compreensão dessa passagem, o poeta a coloca para além do entendimento ou da racionalidade pura. Neste momento, pensamento e ação se encontram. Ou melhor, uma teoria, uma descoberta prenhe de sentido (prático) de trabalho realizado, de tempo não desperdiçado em vão. Esta súbita emoção nos dá a impressão de uma celebração de uma grande teoria, o “heureka” do pensamento bem realizado.

O operário trabalhou, construiu. Tudo o que há no mundo revela as marcas de sua mão. Sua mão é a espécie de totem sagrado dessa “oração silenciosa” — que é o ato de tomada de consciência. Só aí há espaço para a emoção profunda. E é dessa Razão de que fala Vinícius de Moraes: entendimento cordial (de coração) e não apenas racional, descoberta fundamental: **“E olhando bem para ela/Teve num segundo a impressão/De que não havia no mundo/Coisa que fosse mais bela”** (vs. 67 – 70).

Esse ato de introspecção e autodescoberta é ainda profundamente solitário. Para não correr o risco de um extravazamento superficial, esta vivência tem de ser amadurecida: **“Foi dentro da compreensão/Desse instante solitário/Que, tal sua construção/Cresceu também o operário./ Cresceu em alto e profundo/Em largo e no coração”** (vs. 71 – 76).

Evidentemente muito teríamos a dizer sobre esta “Razão”, seu significado. Discutir o conceito de Razão não cabe aqui por questão de espaço. Genericamente entende-se, no entanto, esta Razão como que a celebração do encontro de um sentido de ser profundo, um momento altamente introspectivo do olhar para as coisas (mundo) e para sua mão operadora da construção desse mesmo mundo. Não a contemplação alienada, a contemplação participada, malgrado a constatação de que a organização social do mundo seja arquitetada em esquemas alienatórios de forma que impeça permanentemente o acesso a essa consciência emancipadora. E o ato de tomada de consciência que leva a esta “Razão de ser”, o que mais acima chamamos de “Identidade” de homem em contraposição à sua “animalidade”, perda dessa identidade profunda (como sujeito) pela alienação ou distanciamento do real. E é nesse momento de introspecção, a partir das coisas reais (ou realizadas) que o poeta nos dá a chave para a compreensão do sentido do termo EM CONSTRUÇÃO: crescimento exterior das paredes (estruturas externas) e crescimento interior do próprio homem (estrutura interna): **“E como tudo o que cresce/Ele não cresceu em vão”** (vs. 77 – 78).

E poesia, para Vinícius, é isto. O encontro desses dois sentidos: o fazer e o saber o quê (e o porquê/o como/o para quê/ e o para quem) se faz: **“Pois além do que sabia— Exercer a profissão —/ O operário adquiriu/Uma nova dimensão/A dimensão da poesia !”** (vs. 79 – 83).

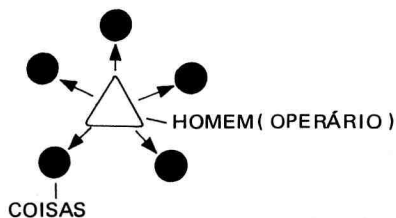
Finalmente, sem muita delonga, em relação ao profundo sentido do fazer poético e sobretudo da poesia enquanto obra participante, o texto pode ser entendido nesses termos: Vinícius, um excelente operário (da palavra) cresceu ainda mais (em alto e profundo) nesta poesia !

2.1 — Representação gráfica do 2º Momento:

2º MOMENTO: Um encontro com as coisas.

Agora, não mais desinteressadamente.

O homem se sente como centro do mundo que constrói.



3 – 3º MOMENTO: UM RETORNO DO OLHAR: DE FORA PARA DENTRO. IRRADIAÇÃO E FORTALECIMENTO DA CONSCIÊNCIA. RAZÃO/DES-RAZÃO (Versos 84 a 110)

E começa a se irradiar sob forma de “suspeita”, a consciência do operário: **“E um fato novo se viu/Que a todos admirava./O que um operário dizia/Um outro operário escutava”** (Vs. 79 – 82). E tal reação era de esperar.

Neste momento já aconteceu a passagem do “momento do objeto” para o “momento do sujeito” de que nos fala o Pe. J. B. Libânio. Mas até o presente momento do texto não atingimos ainda o “momento do social-dialético”⁷, visto que não ultrapassamos ainda a fase da “febre” de consciência, sua irradiação. É a fase do risco. Do perigo da irreflexão e, mesmo, da imaturidade. A consciência é sempre um risco ou não é consciência.

Cumpra agora organizar esta consciência manifestada. Para que tal “energia” não se desperdice em revoltas supérfluas e imaturas, atitudes “antipedagógicas” em se tratando de direcionamento e usufruto dessa consciência rompida numa espécie de parto dialético (o SIM e o NÃO), é preciso canalizá-la, saber bem o que fazer com ela. Tarefa, aliás, árdua. Principalmente se levarmos em consideração que tudo está montado visando a “queimar” os processos de conscientização (sobretudo no que diz respeito aos trabalhos das lideranças). Ou para que tal processo não seja interrompido num cínico e lubridioso esquema de alienação, quer seja a nível da consciência individual, quer seja da consciência social, (das classes, categorias ou massas). É o perigo de se cair no desabafo: o que adiantou fulano lutar tanto pelos outros ? (!). Antes, cumpra fortalecer a convicção dessa consciência solitária. Consciência sem profunda convicção não pode ser chamada de consciência. No máximo um primeiro levanta-

mento de suspeita. “E foi assim que o operário/Do edifício em construção/Que sempre dizia SIM/Começou a dizer NÃO./E começou a notar coisas/De que não dava atenção” (vs. 88 – 93).

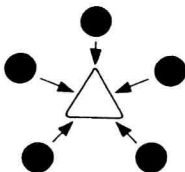
É a dialética dos contrários. SIM e NÃO. Razão e Des-Razão. A Razão das coisas em si mesmas, o mundo posto à prova pelo olhar do operário; a Des-Razão em relação ao patrão e vice-versa: O NÃO do operário deveria ser o SIM, pretendido pelo patrão e vice-versa. É o início de um conflito fundamental: o conflito do poder e da consciência (em relação a esse poder organizado), do ter e do não-ter, do ser e do ter, ou ainda, do ter sem ser e do ser sem poder ter (ou usufruir).

“E o operário disse NÃO./E o operário fez-se forte/Na sua resolução” (vs. 108 – 109). Inalienável este basta !, este NÃO reafirmado que o fortalece cada vez mais. Sobretudo após observar — “notar coisas” nessa dialética de contrários: ser/não-ser, ter/não ter, justiça/injustiça etc. — a forma com que o esquema da exploração do trabalho (e riqueza) é montado. (Ler versos 93 a 107, e ver nas coisas do mundo real como adereços definidores concretos dessa diferença de classe e/ou condição social: marmita/prato, cerveja preta/uísque, macacão/terno, casebre/manção, dureza do dia/noite...)⁸.

Mediante a observação da contradição evidente nas coisas, concretização dessa dialética de afirmação/negação, a questão “porque correr o risco” perde o sentido no NÃO reafirmado. A consciência gerada nesse processo de gestação concreta sofre um embalo de resolução — sem ação não há consciência — mesmo que vidas entrem na “jogada”: o tal “perigo” do arriscar-se.

3.1 — Representação gráfica do 3º Momento

3º MOMENTO: Reafirmação da Razão (de ser) pelo NÃO. Sentido do retorno das coisas (construídas) ao Homem (construtor), apesar da situação injusta com que é organizado o trabalho, o lazer, a distribuição de riqueza etc.



4 – 4º MOMENTO: CONSEQÜÊNCIAS DO OLHAR. A DUPLA VIOLÊNCIA DO SIM E DO NÃO. (Versos 111 a 139.)

“**Como era de se esperar**” (v. 111), diz o poeta, as conseqüências: suspeitas, delações, cercos, pressões... O patrão precisava manter-se bem informado. Seu esquema estava bem montado tendo em vista sua tranqüilidade: “**Mas o patrão não queria/Nenhuma preocupação**” (vs. 115 – 116).

E como um “**humilde operário**” pode desmontar um esquema? O desafio, em geral, é colocado nesses termos: (Chamem os homens, os capatazes, vamos mostrar quem é quem para este verme !). São as ordens superiores: “– **Convençam-no do contrário –/Disse ele sobre o operário**” (vs. 117 – 118).

Mas a aparente tranqüilidade do patrão, impondo o terror e respeito a todos, não escondia um reflexo de íntimo desespero. Desespero versado num abominável cinismo: “**E ao dizer isso sorria !**” (v. 119).

Quanto aos “**homens de delação**” (v. 123), não passavam de outros famintos do esquema, comprados por ele e encaixado no sistema de “segurança” (interna e externa) para a manutenção sobretudo da ordem aparente. O problema é que sua estrutura interna está abalada. Depende de sua segurança externa, postíça. Seus capatazes ou capangas são homens que não viveram o processo (de conscientização) pelo qual passou e passa o operário. Conseqüência: “... **sofreu por destinado/Sua primeira agressão**” (vs. 124 – 125). E, apesar de cuspidor, torturado (cf. vs. 125 – 127), reafirmou sua posição: “**Mas quando foi perguntado/O operário disse NÃO !**” (vs. 129 – 130). Triste sina de quem interioriza sua consciência no encontro do sentido de ser e estar no mundo (Razão). E o pior, paga muito caro pela referida consciência. O que não é, entretanto, pior do que deixar-se vender. E para maior desespero (interior) do patrão ele reafirmou seu NÃO. É o fim !

É por isso que na maioria das vezes os presos e injustiçados permanecem tranqüilos, serenos, (sobretudo presos políticos). Não esbravejam (em geral porque não podem), não falam demais. A vida já fala por eles. E quando saem da prisão retomam a mesma luta. Por que tal “**loucura ?**” É o encontro do sentido de ser/viver. E nada há de mais forte que a resolução do homem que se encontra na luta por um mundo mais justo. Mesmo sendo a verdadeira consciência sinônimo de martírio, voltar à situa-

ção de “animalidade”, alienação, ingenuidade, significa jogar por terra uma conquista e perder uma identidade alcançada: a de ser homem. Além do mais, dá-nos a entender este processo árduo que nada há de mais profundamente ético que o ato de consciência — uma ética do ato fundado numa “práxis” verdadeira.

E o sofrimento torna mais fortes resoluções de tal ato (moral) imprescindível. É como diz o poeta nos versos seguintes: **“Muitas outras (agressões) se seguiram/Muitas outras seguirão”** (vs. 132 — 133). E quanto mais o patrão violentava fisicamente o homem de consciência, mais este dono do poder “perdia terreno” em sua tática suicida. Cuidado extremo ! É preciso não mostrar que está desesperado ou esconder seu desespero no cinismo.

O que fazer ? Despedi-lo ? Outros operários se levantarão. Pior para a tranqüilidade da ordem. Fazer desaparecer o operário ? Matá-lo ? Transferi-lo de cargo ? Pior ainda. A construção virá abaixo. Matar é crime, mesmo com o poder que tem o patrão de “comprar” a justiça.

A saída é a tentativa de mudança de tática. “Comprar” o operário (de outro modo). Aqui a violência não coube. Que tal dar-lhe uma função muito mais vantajosa, um pouco mais de dinheiro, posições, mulheres, lazer ? São os últimos cartuchos queimados nesta tática suicida.

Será mesmo a solução. Tal consciência (resolução) já se espalha e se faz muito forte, muito vivida. **“Seu trabalho prosseguia/ E todo seu sofrimento/Misturava-se ao cimento/Da construção que crescia”** (vs. 136 — 139).

Aqui, bem expressos, os dois sentidos de crescimento: (1) o da construção dos prédios, crescimento exterior, agigantamento de estruturas, levantamento de paredes (em alto e em largo) e (2) da construção do próprio homem, crescimento interior, da estrutura interna por e para dentro, (profundo, no coração). Duplo crescimento a despeito do aviltamento cada vez maior do moral do patrão. Esse processo de sofrer concretamente a consciência o patrão jamais alcançaria, entenderia, sentiria, por absoluta impossibilidade, enquanto sua relação com o mundo não passar de mera relação de posse . **“O operário faz a coisa/A coisa faz o operário”** (vs. 34 — 35). O patrão faz (manda fazer) a coisa, a coisa não faz o patrão !

4.1 – Representação gráfica do 4º Momento

4º MOMENTO



Operário

Identificação profunda.

Trabalho/sofrimento.

Operário na coisa/coisa no operário.



Patrão

Falta de identificação com as coisas do mundo.

Mera relação de posse.

Patrão fora (distante) da coisa.

Coisa fora (distante) do patrão.

5 – 5º MOMENTO: NOVO OLHAR, DE DENTRO PARA DENTRO. SILÊNCIO PROFUNDO, SOLITÁRIO (Versos 140 a 189.)

Precisamos aprofundar esta violência dialética (do SIM e do NÃO), verificada no 4º Momento. O pensador Eric Weil, em **“Logique de La Philosophie”**, nos aponta para um profundo sentido da violência, eminentemente humana, entendida enquanto a violência do discurso, (do “logos”), como a busca de sentido para a pronúncia do modo de ser do homem no mundo⁹. Vale dizer, à medida em que pronunciei meu mundo (meu sentido de estar no mundo, minha “Razão”), fui profundamente violento. Por quê? Porque entre mim e o outro há o desacordo do diálogo (eu mais eu não dá diálogo) e, naturalmente rompi com um sentido estático (estrutural) das coisas tal como se me apresentam. Sugi mudanças ou até posso ter imposto certo dinamismo nas coisas. Ou, modo inverso, não como comunicador, mas como receptor, posso ter-me sentido violentado pelo discurso do outro. A violência do “logos” é a maior das violências e a primeira de todas as formas de violência. E a violência (meramente física) do animal é uma violência empobrecida. Esta primeira e fundamental violência como ser no/do mundo mediado pelo “logos” o animal não a alcança, muito menos a empreende.

E o operário, não apenas um construtor de paredes, este construtor de um mundo de sentido rompido em sua consciência, malgrado as pressões, a experiência de violência física, parece-nos muito mais “violento” que o patrão. O alcance de seu NÃO é o estender-se de uma fala que

cobre toda uma vida num só momento de tempo; um NÃO desarticulador de um mundo que deveria ser estrutura e colocado acima de seu próprio sentido, mercê da vontade do patrão. Na medida em que diz este NÃO, pronuncia-se a si mesmo, seu modo de ver e sentir, seu descontentamento, assim como dá-se a conhecer. É o risco da consciência. Sobremodo, posiciona-se diante do discurso do outro (o SIM pretendido pelo patrão, monólogo dissimulado em diálogo).

Estamos aqui diante de uma característica filosófico-antropológica fundamental. O SIM (do patrão, que deveria ser repetido pelo operário) mais o NÃO representam a tese e a antítese dessa estrutura eminentemente dialética do diálogo. Nesse discurso, especificamente, o diálogo se estrutura a partir dessa contradição, tendo em vista uma síntese (do entendimento, do “mútuo acordo”), para gerar uma nova tese, novo sim e novo não... assim sucessivamente. É nessa contradição que o homem se pronuncia, se constrói e constrói seu mundo (operário EM CONSTRUÇÃO)¹⁰.

Mas o patrão só pretendia fazer válido seu discurso (monólogo) impositivo. Interromperia a dialética, o que significa não só interromper o discurso (a fala) mas tudo o que dele decorre: o sentido do social, do real, da história... E sua falta de “pedagogia” fá-lo novamente lançar mão da violência “pobre”, a violência física, animalizadora. E cada vez mais contava “pontos negativos” a seu favor no sentido humano: abertura para o mundo, distanciamento do dado, abertura para o outro etc...¹¹

Na medida em que esta tática não funciona e que percebe a necessidade de mudança no modo de tratar o operário já se encontra muito rebaixado: **“Sentindo que a violência/Não dobraria o operário/Um dia tentou o patrão/Dobrá-lo de modo vário”** (vs. 140 – 143).

Do alto da construção, de onde identificamos por completo o sentido do texto de São Lucas em epígrafe (Lc. 5, 5 – 8), Vinícius nos oferece o duplo sentido da imagem: o patrão está no alto da construção, mas profundamente rebaixado em si mesmo (sua estrutura moral pessoal, sua segurança). Tanto pior, porque o operário, tendo já se identificado com o mundo que constrói, agora teria uma visão por alto, por dentro e por completo. Via os objetos e, neles, **“dentro das estruturas”** (v. 165), percebia, em termos vivenciais, existenciais, o processo por que passou e sofreu para fazê-los. O real, a realidade, as estruturas do real, sem enganos. **“Via casas, objetos,/Produtos, manufaturas./Via tudo o que fazia/ O lucro**

de seu patrão./E em cada coisa que na/viisteriosamente havia/A marca de sua mão" (vs. 166 – 172).

Palavra ordenadora diante da palavra vocativa (Ricceur). Os dois homens olhavam por alto. O patrão só via o mundo por fora. O operário contemplava (por dentro). Podia "violentar" profundamente o patrão porque seu discurso (seu "logos") tinha conteúdo (prático). E o feitiço virou contra o feiticeiro: o engodo do patrão de nada valeu. O operário não negaria sua consciência, o que implicaria negar a si mesmo, tudo o que construiu, tudo o que o construiu. Não a venderia em troca da satisfação dos prazeres, mulheres, riquezas, lazer, sobretudo a adoração do patrão, questão central do poema: "**Será teu se me adores**" (v. 157). E o patrão queimava etapas em seu discurso. Mesmo que dele esperássemos certa "conversão" (como homem), quanto mais falava, mais perdia terreno, em seu discurso vazio de sentido.

E uma única palavrinha o atrapalhava, vetor de todo o diálogo, e que cumpria arredá-la: o NÃO, do discurso do operário (o NÃO, para Hegel, chave da dialética). Quanto ao resto, tudo bem ! "**... se abandona-res/O que te faz dizer NÃO**" (vs. 158 – 159). Entretanto, é esse NÃO que sintetiza a compreensão do operário em relação à injustiça das estruturas de organização social e distribuição de riqueza, bens. Todo o discurso do pensamento marxista (do materialismo dialético, da análise da produção econômica, da divisão de classes sociais, etc.) pode ser sintetizado nesse importante momento da criação poética de Vinícius de Moraes.

É o momento da incorporação da consciência do real, no real. Consciência vivida. A "práxis" – para utilizar um termo muito em voga: "**Mas o que via o operário/O patrão nunca veria**" (vs. 162 – 163), a partir de uma resolução tomada de dizer o NÃO tantas vezes necessário. E continuar o diálogo representa expandir essa consciência e fortalecê-la. Está em jogo a suprema contradição do discurso. A Razão do operário aprofundando a pobreza, Des-Razão do patrão. E a palavra-chave volta nesse posicionamento dialético: "**E o operário disse: NÃO !**" (v. 173).

Que fazer ? Antes o primeiro desespero: o da violência física (4º MOMENTO). Agora, sentindo não poder quebrar esta diferença dialógica que os separa, novo e supremo desespero, resultante do próprio discurso: "**Loucura ! – gritou o patrão/Não vêes o que te dou eu ? / Mentira – disse o operário/Não podes dar-me o que é meu !**" (vs. 174 – 177). Convém notar: o patrão grita, o operário diz.

Resta um grande silêncio, que também pode ser duplo. Se o patrão aproveitasse o momento para "converter-se", fazendo-se também

assimilador da consciência aprendida em tal momento... Mas o patrão não queria (não poderia?) lançar mão de seus privilégios, sua classe, sua riqueza, seu “status quo” etc.

E o texto, a esta altura e mais uma vez nos parece duplamente rico. Se o patrão continuasse em sua relação meramente de possuidor, poderia abandonar o operário (em seu silêncio profundo) e sair, praguejar, tomar outras providências competentes da empresa. Por outro lado, esse “... silêncio povoado/De pedidos de perdão” e “apavorado,/Com medo em solidão” (vs. 182 – 185), poderia ser também silêncio do patrão se ele interiorizasse essa consciência. Sempre nos resta uma esperança para crer no homem. Mesmo no pior homem ! Mas parece-nos que este foi um silêncio apenas do operário — o que nos leva a crer numa primeira leitura.

Optando pelo duplo sentido do termo, isto é, em sendo também um silêncio do patrão, entenderíamos também o termo operário EM CONSTRUÇÃO no sentido não só de construir-se mas de permitir ou levar o outro a se construir. Mas o que sabemos — e até por experiência própria — que um silêncio seguido de “martírios, prisão” (v. 180 – 181), “torturas,/maldição.../fraturas/A se arrastarem no chão” (vs. 186 – 189), nunca é silêncio de patrão. O operário não tinha com que torturar o patrão fisicamente. A “tortura” do patrão é de outro nível. E diante dessa profunda violência do discurso humano o patrão não encontrava saída para tamanho aviltamento moral. E o pior é que precisava optar. E lançar mão de seu SIM redundaria, CONCRETAMENTE (eis a resultante de um discurso não “idealista”) não divisão de seus privilégios.

5.1 — Representação Gráfica do 5º Momento

5º MOMENTO



Operário

Contemplação.

Olhar situado (para as coisas e/em si mesmo).

O encontro das coisas no homem.



Patrão

Olhar deslocado (para as coisas e/ou para si mesmo).

As coisas fora do homem nesta mera relação de posse.

(“Em cada coisa que
 via/
 Misteriosamente ha-
 via/
 A marca de sua mão”
 vs. 170 – 172.)

(“O que via o operá-
 rio/
 O patrão nunca ve-
 ria”.
 vs. 162 – 163.)

6 – SEXTO MOMENTO: ALARGAMENTO DOS OLHARES: IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS. PASSAGEM DO SOLITÁRIO PARA O SOLIDÁRIO NO ATO DA CONSCIÊNCIA (Versos 190 a 201)

E essa consciência rompida em momento de emoção; assimilada, vivida e tantas vezes reafirmada, se irradia e encontra em outros que sofreram o processo. **“E o operário ouviu a voz/De todos os seus irmãos”** (vs. 190 – 191). É a tão discutida questão da consciência de classe, organizada ou não.

Novamente a dialética dos contrários nessa Razão gigantesca: viver/morrer. E viver (profundamente e com Razão), só nesse processo. Morrer para viver. Sentido também da ressurreição, na teologia cristã, como “síntese” dessa dialética). Ou morrer para que outros vivam. Eis o supremo sentido da hominização, alcançado no momento em que o operário compreendeu profundamente porque outros irmãos morreram (no passado) para que ele pudesse viver: **“Os seus irmãos que morreram/Por outros que viverão”** (vs. 192 – 193).

E Vinícius trabalha com outra categoria eminentemente teológica: esperança. Esperança de “encontro” com os outros (que morreram); esperança de transformação dessa estrutura injusta do mundo, tendo em vista um mundo novo: **“Uma esperança sincera/Cresceu em seu coração”** (vs. 194 – 195). Não é preciso ser “cristão” (declarado) para trabalhar com tal categoria. Ele é apanágio da consciência de todos os homens.

E volta o poeta a utilizar o termo Razão (com R maiúsculo), sentido alcançado pelo seu modo de ser (viver/morrer). A consciência, esta semente de construção do homem e do mundo (**“casas que lhe brotavam da mão”**. vs. 4 e 5) é semente que, quando regada, torna-se arbusto, depois arboredo, árvore gigante, penhasco... **“E dentro da tarde mansa/Agigantou-se a Razão”** (vs. 196 – 197), que as violências das intempéries jamais arrancariam do chão.

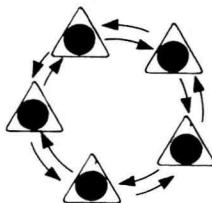
Cumpra ressaltar também que a consciência profunda, gerada e assimilada, é irreversível e pertence ao âmago do processo de identificação antropológica de todo o homem como ser no mundo. Portanto, o homem que ontem teve “consciência” e hoje “se vendeu”, é algo duvidoso. Uma vez que o homem vive o processo de conscientização sua consciência tende a crescer. E quem “mudou de bandeira”, jamais teve consciência alguma. Iludiu-se. E, o pior, iludiu os outros.

Além do mais, não creio ser necessário fazer alardeios com a consciência pessoal, anunciá-la com trombetas aos quatro cantos do mundo. Tal atitude não é consciência (sofrida em processo de gestação), é farisaísmo. Eis o que diz o poeta: “...de um homem pobre e esquecido” (v. 198).

Finalmente, o duplo sentido do termo que lembramos ao longo de nossa leitura, retorna aqui: “...operário **CONSTRUÍDO**/ Operário **EM CONSTRUÇÃO**” (vs. 200 – 201). O que pode ser entendido também, agora mais do que nunca, a propósito dessa divisão em seis partes do poema e como fechamento do supremo sentido da leitura, na seguinte troca de termos: OPERÁRIO(S) EM COMUNHÃO !

6.1 — Representação Gráfica do 6º Momento

6º MOMENTO: HOMENS (construídos) e MUNDO (em construção).
CONSCIÊNCIA (social-dialética) do concreto. A “práxis” como vetor da passagem do solitário para o solidário.



NOTAS:

(1) LIBÂNIO, João B., **Formação da Consciência Crítica**, Petrópolis, Vozes, 1979, 1^o Vol., 108 páginas. A obra se divide em 3 volumes. Neste 1^o citado, o autor tenta organizar estes três momentos ou tendências da formação da consciência numa abordagem muito global e ao mesmo tempo concreta, entendendo que a consciência não é um dado abstrato, mas gerada a partir destes três momentos teórico-práticos, daí, uma crítica engajada. Em relação à obra toda, são estas as três subdivisões: 1^o Vol: Subsídios Filosófico-Culturais, 2^o Vol: Subsídios Sócio-Analíticos, 3^o Vol: Subsídios Psíquico- Pedagógicos.

(2) Ver texto de Paul RICCOEUR: "Trabalho e Palavra" na sua seleção de artigos sob o título **História e Verdade**, trad. bras. F. A. Ribeiro, Forense, Rio de Janeiro, 1968, pp. 201 – 224.

(3) Contrapomos o termo animal-homem numa distinção de vocabulário sem entrar em detalhes (semânticos) ou numa discussão filosófico- antropológica dessa relação.

(4) Impossível não lembrar Paulo Freire em sua **Pedagogia Libertadora** nesta análise. A este propósito, ver o artigo de Álvaro P. LEITE: "Educação e Conscientização", in **Síntese (Nova Fase)**, nº 5, vol. II, out-dez. 1975. IBRADES-Ed. Loyola, S. Paulo, 1975, pp. 53 – 85, sobretudo o esquema esboçado pela análise que o articulista traça a partir do método de alfabetização de P. Freire (pág. 75): "Quadro esquemático do processo de conscientização com as características de cada nível de consciência (3 níveis) e o levantamento da questão da transitividade (crítica ou acrítica) versus intransitividade da consciência em formação".

(5) Op. cit. pág. 208.

(6) Ouçamos o pronunciamento de um alfabetizando, na **Pedagogia da Libertação** de P. Freire: "Faço sapatos e descubro que tenho o mesmo valor do doutor que faz livros". **Educação Como Prática da Liberdade**, 6^a ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976, p. 110.

(7) Op. cit. 3^a parte vol. I.

(8) Para sair de uma situação tida como "círculo ideológico" (e após uma breve análise do homem como ser "politicum, economicum et simbolicum"), o autor J. B. Libânio nos apresenta os seguintes passos: (1) Levantar suspeita, (2) A experiência do diferente e, (3) uma atitude de abertura fundamental em dois aspectos: psicológico-cultural e teológico. Ver. op. cit. Vol. II, pp. 27 – 56.

(9) WEIL, Eric, **Logique de La Philosophie**, 2^a ed. Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1974, pág. 5 da Introdução. Ver também as páginas 9 e 10 da Introdução: "La negation de la negativité: le langage du philosophe comme liberation du mecontentement" e às páginas 12 e 16: "Le philosophe et l'homme ordinaire: le refus de la philosophie".

(10) Muito se tem dito a propósito da tônica que marca a diferença entre o homem e o animal. Não para defini-lo em conceito estático, fechado, diria que, à diferença do animal, o homem é o SER PARA O DISCURSO.

(11) E agora nós passamos específica e definitivamente de uma primeira para uma segunda violência; da violência física para a violência do discurso (de outro nível) no confronto patrão-operário. E este é o sentido mais original da dialética (entendida etimologicamente) entre os gregos: a arte da argumentação. Ora, SIM mais SIM (ou tese mais tese) não resulta em nenhuma dialética. Seria o pleno "acordo" empobrecido (que não é síntese das posições), a interrupção do processo.